



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

GRUPO RESPEITE A SUA DOR: UMA ESTRATÉGIA EDUCACIONAL QUE PENSA O SOFRIMENTO NA ADOLESCÊNCIA

Aline dos Santos Faleiro¹

Resumo

Este estudo apresenta como temática principal o grupo operativo desenvolvido na escola, como estratégia para minimizar os efeitos do sofrimento psíquico entre os adolescentes de uma escola da rede Municipal de Novo Hamburgo. O objetivo principal deste trabalho é verificar as possibilidades e as potencialidades ao se criar um espaço em que adolescentes sejam ouvidos. A partir dessa ideia buscou-se analisar as possíveis contribuições destes processos grupais dentro da escola. O referencial teórico para compor as análises aborda aspectos históricos e culturais da construção da ideia de infância e na sociedade, políticas da rede pública de serviços envolvidos no cuidado em Saúde Mental de crianças e adolescentes e embasa-se na teoria psicanalítica. Destacam-se no relato escrito os conceitos das narrativas e sua função ao trabalhar com os aspectos psíquicos do sujeito, referenciando também os processos de autoria e situando o adolescente como sujeito desejante. Como metodologia de pesquisa, foi adotada a pesquisa participante, na qual como maneira de intervenção, em relação à problemática apresentada, busca-se como estratégia a criação de um grupo operativo. A configuração do grupo acontece a partir do desejo de algumas adolescentes que estavam realizando uma pesquisa sobre depressão. O estudo do assunto desencadeou nas estudantes um movimento crítico de pensar, dentro da realidade escolar, sobre o que poderiam fazer para auxiliar, outros adolescentes que estivessem em sofrimento. Este grupo é frequentado por alunos da EMEF Senador Salgado Filho, selecionados por apresentarem problemas de relacionamento com familiares ou com pessoas que integram a escola. O grupo é mediado com o auxílio da orientadora Educacional Aline dos Santos Faleiro. No grupo são desenvolvidas atividades e dinâmicas, onde busca-se conversar e discutir os problemas do dia a dia. A partir de um período de um semestre realizando encontros quinzenais com estes adolescentes, apresenta-se como principal resultado dessa proposta de intervenção a promoção e o desenvolvimento dos processos de autoria dos estudantes e conseqüentemente um ambiente escolar mais acolhedor às demandas dos adolescentes.

Palavras-chave: Adolescência; Escola; Grupo Operativo.

¹ Licenciada em Pedagogia, graduanda em Psicologia, com pós-graduação em Saúde Mental e Professora da Rede Municipal de Ensino na E.M.E.F. Senador Salgado Filho. E-mail: alinefaleiro@ienh.com.br.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se a construções de recortes e análises das experiências vivenciadas durante uma intervenção realizada em um grupo de adolescentes na EMEF Sen. Salgado Filho no ano de dois mil e dezenove. O plano de intervenção aplica-se utilizando uma configuração muito presente nas práticas de Saúde Coletiva: os grupos operativos, que segundo o caderno de Atenção Básica da Saúde Mental: “ocorrem quando se tem um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes que se reúnem em torno de uma tarefa específica ou um objetivo compartilhado” (BRASIL, 2013, p.124).

Este projeto tem como objetivo principal (re)conhecer e compartilhar as narrativas dos adolescentes. A configuração do grupo acontece a partir do desejo de algumas adolescentes que estavam realizando uma pesquisa sobre depressão. O estudo do assunto desencadeou nas estudantes um movimento crítico de pensar, dentro da realidade escolar, o que poderiam fazer para auxiliar, outros adolescentes que estivessem em sofrimento. Com este objetivo as adolescentes procuraram a orientadora da escola e iniciaram a construção coletiva desse espaço de fala e escuta. Pode-se dizer que o grupo surgiu a partir da necessidade de se proporcionar um ambiente provocador, onde seriam trabalhadas questões simbólicas, também um espaço onde os adolescentes vivenciassem momentos expressivos e lúdicos. Dessa forma, buscou-se valorizar as narrativas e as relações interpessoais em casos de adolescentes que demonstram manifestações de sofrimento psíquico na escola.

O referencial teórico para compor as análises aborda aspectos históricos e culturais da construção da ideia de infância e na sociedade, políticas da rede pública de serviços envolvidos no cuidado em Saúde Mental de crianças e adolescentes e embasa-se na teoria psicanalítica. Destacam-se no relato escrito os conceitos das narrativas e sua função ao trabalhar com os aspectos psíquicos do sujeito, referenciando também os processos de autoria e situando o adolescente como sujeito desejante.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

ADOLESCÊNCIA E O SOFRIMENTO PSÍQUICO

Como podemos definir o conceito adolescência? A palavra adolescência, segundo dicionário epistemológico online (ADOLESCÊNCIA, 2018) tem origem no latim “*adulescens* ou *adolescens*”, que significa crescer. Segundo Ariès (1975) o conceito de criança como indivíduo só surge a partir do século XVIII, enquanto que a adolescência passou a ser discutida a partir do século XX entre as duas guerras mundiais, sendo considerada uma discussão muito recente.

A adolescência, segundo Calligaris (2009) é um acontecimento contemporâneo em que o tempo da infância não é mais suficiente para preparar o futuro, mais especificamente, “se preparar para alcançar um (impossível) sucesso que faltou aos adultos...”(CALLIGARIS, 2009, p. 67). Portanto faz-se necessário um prolongamento dessa fase, tornando-se a adolescência um derivado contemporâneo da infância moderna.

Dentre muitas mudanças, a passagem da infância para a adolescência perpassa pelas transformações corporais, como o aparecimento de espinhas, mudança na voz, crescimento de pelos por diferentes partes do corpo, a menarca, crescimento de seios nas meninas, alargamento do quadril, entre outras. No nosso país, atualmente, existem divergências quanto às idades consideradas para se ser adolescente. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência compreende o período de dez a dezenove anos de idade, considerando-se a combinação de aspectos biopsicossociais. Já o Estatuto da criança e do Adolescente (ECA) do nosso país, considera a idade entre doze e dezoito anos como correspondendo à adolescência.

A adolescência pode ser descrita como “[...] um extenso espaço de tempo no qual ocorrem o desligamento da infância e a preparação para a vida adulta.”(CORSO & CORSO, 2018, p. 9). Sendo assim, é esperado que ocorra um luto da infância e um processo psíquico de separação dos pais. Tal separação dá sentido para que o adolescente possa e construir sua autonomia, diferenciando-se dos seus genitores e



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

transformando-se em um ser único e não na mera reprodução dos ideais parentais.

Outro aspecto importante a ser mencionado em relação ao sofrimento psíquico, refere-se às dificuldades encontradas por muitos adolescentes de verbalizar seus sentimentos e angústias. De acordo com Dolto (2011, p. 20), “Para falar é preciso estar inteiro e não em estado de fragmentação”. Retomando o que Dolto (2011) afirma, compreende-se que a autora se refere a importância de que o sujeito se sinta implicitamente autorizado a falar para, conseqüentemente, poder elaborar psicologicamente as situações difíceis inerentes ao viver. Para tal processo de elaboração, o adolescente terá, enquanto matéria prima, as narrativas que seus pais lhe oferecem ou interditam, relativas às histórias que compõe o mito familiar na qual aquele adolescente está inscrito. Segundo Rudolfo (1990) o mito familiar pode ser entendido como as convenções familiares que incluem os atos, ditos e/ou o que é transmitido sem palavras, nas entrelinhas, para além do que os pais querem conscientemente transmitir, como normas educativas, regulações do corpo que instituem uma espécie de regimento, do qual os filhos aprendem através do que veem os seus pais reproduzirem. Porém, tais mitos familiares, por sua vez, são profundamente articulados e dependentes dos contextos culturais em que estão inseridos.

Por estarem em pleno processo de subjetivação, os adolescentes precisam de referências dos adultos, e quando estes estão fragilizados, se potencializa o desamparo sentido por eles. Tal situação pode culminar, muitas vezes, em uma das conseqüências mais preocupantes presentes na atualidade – a passagem ao ato² através do suicídio. Segundo artigo publicado no jornal Francês *Le Monde* e citado em uma entrevista para a Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA, 2001, p.89) “um menino em cada cinco e duas meninas em cada cinco tentam suicídio entre a idade de 14 à 24 anos na França: é a segunda causa de morte em adolescentes” Os dados Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgado pelo site das Nações Unidas no Brasil (ONUBR, 2018), trazem o suicídio como a segunda causa de morte entre jovens de quinze a vinte nove anos, sendo importante salientar que esse dado se refere a uma média mundial.

Segundo Calligaris (2009) na contemporaneidade existe uma contínua busca de

² O conceito de passagem ao ato será explicitado no subcapítulo “O Corpo Como Linguagem e Maneira de Expressão na Adolescência” que pertence ao capítulo de Resultados e Discussão.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

respeito por parte dos adolescentes em relação aos adultos. Porém, segundo o autor, essa pretensão esbarra na própria estigmatização instaurada pela cultura contemporânea, de que a adolescência seria problemática e imatura, portanto impossibilitaria a expectativa de obter o acesso à vida adulta. Essa mesma cultura, paradoxalmente, cria uma fantasia de que os adolescentes passam por um momento único na sua vida, no sentido de que a adolescência seria um tempo de felicidade permanente. Esse pensamento aumenta a insatisfação dos adolescentes em relação à vida, pois como ele pode ser feliz, se é desprovido de qualquer autonomia?

Segundo Benjamin (1994) os sujeitos buscam através das narrativas a transformação do vivido em experiência, e essa é uma contribuição importante para se pensar a adolescência. A partir das contribuições do autor, podemos considerar que os pais desempenham a função de narradores, possibilitando que o vivido se transforme em experiência, de forma que tais experiências se transformem em referências para que os adolescentes também possam exercer suas próprias narrativas e construir suas próprias experiências. Porém, na contemporaneidade essa transmissão vem deixando algumas lacunas que produzem intensa fragilização em relação às referências. Isto causa grandes conflitos pois, sabe-se que na adolescência há necessidade de referências simbólicas que transmitam os saberes que auxiliam nos processos de subjetivação. Algumas vezes esses sofrimentos podem tornar-se muito intensos, a ponto de ficar inviabilizado o acesso à narrativa, levando o adolescente ao apelo ao corpo como única forma de expressão de seu sofrimento e de pedido de ajuda.

Segundo Chassaing (2009) o adolescente reflete através do corpo as marcas subjetivas da sociedade que o acolhe, sejam elas através do silêncio, das passagens ao ato, das violências, e seus desajeitamentos. Esse corpo agitado por diversos momentos é transformado em sintoma social. Sabe-se que os adolescentes buscam reconhecimento das suas manifestações de sofrimento, quando suas falas e narrativas não encontram espaço entre os adultos que lhe servem de referência, a situação se torna insuportável para o adolescente, fazendo com que o mesmo encene sua fala através dos *acting out*.³

Forget (2011) é outra autora que trabalha com este conceito de *acting out* e,

³ O *acting out* é articulado na psicanálise como um ato no qual o sujeito, em análise, atua, age em vez de recordar e colocar em palavras uma cena infantil.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

segundo ela, a compreensão das manifestações de sofrimento é algo cada vez mais intangível para o adolescente, e como dispõe de menores recursos subjetivos para expressar seus conflitos em palavras, ele utiliza-se do *acting out* para manifestar e para expressar com o seu corpo que dialoga e apresenta todo o seu sofrimento muitas vezes através da melancolia citada por Freud. Segundo Corso e Corso (2018) os *piercings* e as tatuagens podem ser vistos com *acting out*, onde existe uma autoapropriação do seu corpo e uma espécie de autonarrativa gravada sobre a pele e direcionando o olhar do outro para si. Ao referir-se às possíveis causas da dificuldade de nomeação de seus sofrimentos, a autora menciona as dificuldades dos adultos em ocuparem seus próprios lugares de fala e de interlocutores minimamente confiáveis para, assim, servirem de referências proporcionando as condições necessárias para os próprios adolescentes construírem suas possibilidades de fala. Forget parece ir ao encontro de tais ideias, ao propor que:

Vemos aqui a ilustração da impossibilidade da fala do adolescente, devido ao enfraquecimento do interlocutor. Essa impossibilidade da fala pode ser difícil de compreender ou imaginar, posto que, ao expôr em palavras, nos arriscamos a mascarar que é justamente a fala que falha para a criança. Assim, a fala não é somente ligada aos próprios pensamentos, ao que ela tem na cabeça, mas a exigência de encontrar um interlocutor atento para que possa ser convidada a falar. (FORGET, 2011, p. 14)

Por outro lado, para a compreensão dos possíveis sentidos das passagens ao ato, como o suicídio, para os adolescentes, Corso e Corso (2018) propõem duas hipóteses, sendo importante salientar que os autores ressaltaram não ter a pretensão de, com tais hipóteses, oferecer explicações generalizantes sobre um tema tão amplo. Uma das hipóteses apontadas, é a vontade, por parte dos adolescentes, de desaparecer ou de nunca ter nascido, como diz a música do grupo Queen: *"I don't wanna die. I sometimes wish I'd never been born at all"*⁴. Essa hipótese caminha na direção de que esses sujeitos deixam-se morrer, pois as pessoas a sua volta não importam-se com sua ausência. A outra possível razão, segundo os autores, pela qual as pessoas buscam a passagem ao ato através do suicídio, diz respeito ao desejo de construir um lugar social, opondo-se ao sistema e fazendo sua voz ser ouvida, ou seja, é um ato extremo para deixar marcada

4 Tradução minha: "Eu não quero morrer. Às vezes eu gostaria de nem ter nascido".



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

sua vida.

Além dessas questões é importante problematizar que não é apenas um acontecimento que faz com que um adolescente tente se matar, pois quando o sofrimento chega a esse nível, um conjunto de situações está se acumulando a tempo suficiente para o copo transbordar, como cita os autores Corso e Corso (2018) - não é a última gota a culpada pelo ato. Essa passagem ao ato nos sensibiliza muito, pois não abre espaço para a palavra, quem se mata já desistiu de receber uma palavra, já não espera mais uma resposta, simplesmente não suporta mais.

METODOLOGIA

O presente capítulo desta pesquisa refere-se a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta produção científica. Segundo dicionário etimológico online a palavra (MÉTODO, 2019) deriva do termo grego *methodos* que significa “caminho” ou “via” e se refere ao meio utilizado para chegar a um fim e através desse relato irão se delinear os caminhos percorridos para a construção desse projeto.

Segundo Gil (2010) existem muitas razões para se realizar uma pesquisa e elas podem ser classificadas em dois grupos: uma de ordem intelectual e uma de ordem prática, sendo que a presente pesquisa tem motivação prática.

Através de questionário sobre o assunto da depressão, elaborado pelas adolescentes do 8º ano e realizado com trezentos alunos do 6º ao 8º ano, conclui-se que existia a necessidade de abordar essa temática na nossa escola. Sendo assim, resolveu-se optar por uma metodologia de pesquisa participante. Nesse tipo de metodologia se realiza um estudo sobre a comunidade escolar através de entrevista com os alunos. A partir disso faz-se uma análise dos problemas encontrados para pensar um plano de ação que envolvesse uma interferência com essa comunidade. Com isso surge a ideia do grupo de intervenção onde os integrantes podem falar, discutir e pensar sobre situações e dificuldades que podem causar depressão. Este grupo é frequentado por alunos da E.M.E.F Senador Salgado Filho, selecionados por apresentarem problemas de



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

relacionamento com familiares ou com pessoas que integram a escola. O grupo é mediado com o auxílio da orientadora Educacional Aline dos Santos Faleiro. No grupo são desenvolvidas atividades e dinâmicas, onde busca-se conversar e discutir os problemas do dia a dia.

Além dessas ações, as adolescentes criaram um perfil no Instagram onde publicam imagens e textos motivacionais, abordando diversos assuntos. O endereço deste perfil foi divulgado nos murais da escola.

O grupo operativo é pensado na intenção de desenvolver várias atividades como jogos, atividades escritas, entre outras formas de expressão. A partir da escuta do que se apresentou nas produções dos adolescentes nas atividades, coube a coordenadora intervir para a construção das narrativas. Segundo Benjamin (1994, p. 197-221) transformar o vivido em narrativa é colocar a palavra em uma posição de enunciação, construindo uma historicidade do sujeito ao se colocar no papel de narrador e trocar experiências e saberes com o grupo.

O grupo é realizado quinzenalmente, com duração de uma hora. Ele é coordenado pela orientadora educacional e atualmente contempla doze adolescentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que o adolescente se estruture subjetivamente, é necessário que o adulto assuma suas funções. Isso implica que um adulto, que não precisa ser necessariamente os pais, mas que represente um papel de referência para este adolescente, se constitua de autoridade simbólica. Na maioria das famílias, percebe-se um movimento dos pais de afastamento em relação aos filhos adolescentes, pois aquela criança que antes era “engraçadinha” e fazia tudo que era solicitado, agora tornou-se um “ser” desengonçado que crítica e questiona a autoridade dos pais. Muitos adultos não reconhecem que já estiveram nesse período adolescente com dúvidas, anseios e questionamentos, parecendo anular da memória os elementos que lhes são constrangedores. Percebe-se, através dos estudos realizados, que por diversos momentos os pais, ocupam um lugar que não reconhece e não valida o sofrimento do adolescente, trazendo novamente a



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

fantasia da idealização da adolescência, em que os problemas que os adolescentes narram não são realmente problemas e que quando eles foram adultos realmente saberão o que é ter problemas. Essas falas provocam maior distanciamento entre os pais e seus filhos, pois como um adolescente que está passando por alguma dificuldade recorrerá a quem não considera suas necessidades como algo real?

Em muitos momentos a escola torna-se a referência para esses jovens que buscam alguém que reconheça e valide seus sofrimentos e que perceba suas necessidades com algo importante. Na escola pode-se proporcionar um espaço para acolhimento dessas demandas, mas isso muitas vezes não é realizado, pois ainda se tem uma “crença” de que essa não é nossa função enquanto educadores. Porém, esses adolescentes estão grande parte do seu dia convivendo com colegas e professores na escola criando, muitas vezes, vínculos mais significativos do que com seus próprios familiares. Isso coloca a escola sob uma grande responsabilidade. A criação do grupo de adolescentes na escola envolveu a criação de uma cumplicidade entre os alunos participantes e a orientadora que facilitou muito o trabalho pedagógico e a interlocução entre outros professores e os alunos, sendo essa, uma prática importante de ser pensada em um ambiente educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta narrativa aborda-se a articulação entre Saúde Mental e educação com o trabalho de uma prática grupal com objetivo de proporcionar um espaço de escuta e autoria em um ambiente escolar. Durante o ano de dois mil e dezenove, construiu-se um grupo operativo composto de adolescentes com questões relacionadas a problemas comportamentais, dificuldades de aprendizagem e socialização. Esses adolescentes encontravam-se em sofrimento psíquico e apresentavam dificuldades em se expressarem e construir suas narrativas. O grupo objetivou que os sujeitos atendidos construíssem um



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

espaço diferenciado, de escuta e fala, onde as demandas da adolescência fossem o tema central e os adolescentes pudessem criar possibilidades de inventar, relatar e simbolizar.

Construíram-se narrativas de resolução de conflitos a partir de situações ocorridas durante os encontros que foram fundamentais para o processo de formação do grupo que estava se constituindo. Durante o desenvolvimento do trabalho foram se manifestando as angústias dos participantes e os mesmos se mostraram desejantes em participar do espaço que estava se consolidando.

Na maioria dos casos, relata-se uma mudança construtiva nas relações apresentadas em sala de aula, referente a apresentada anteriormente ao trabalho proposto. Alguns adolescentes experienciaram situações que proporcionaram um nível de autoria talvez nunca vivenciado e demonstraram uma significativa alteração em seus posicionamentos, se permitindo o direito de fala e exigindo o respeito dos demais em relação a essa fala. Outro aspecto, de grande importância, a ser mencionado diz respeito ao nível de confiança e aproximação em relação à figura da orientadora educacional. Esta professora conseguiu realizar várias intervenções pontuais devido à disponibilidade desses adolescentes em relatarem suas angústias e preocupações com alguém que representou uma referência simbólica para esses jovens.

REFERÊNCIAS

ADOLESCÊNCIA. **Dicionário Etimológico**, 21 de junho de 2018. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/adolescente/>> acesso em 21 de junho de 2018.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1978.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cadernos de Atenção Básica, n. 34** Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. 2013.



XVII Fórum da Rede Municipal de Ensino

Secretaria de Educação de Novo Hamburgo - 22 de outubro de 2019

BENJAMIN, W. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Obras escolhidas I: magia, técnica, arte e política . São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

CALLIGARIS, C.. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2009.

CHASSAING, L. J. **Mais tarde é agora!** Ensaio sobre a adolescência. Salvador, BA: Álgama, 2004.

CORSO, D.:CORSO, M. **Adolescência em cartaz**: filmes e psicanálise para entendê-la. Porto Alegre: Artmed, 2018.

DOLTO, F.. **Quando os pais se separam**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FORGET, J. M.**Os Transtornos de Comportamento**: onde está o rolo? Porto Alegre: CMC, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MÉTODO. **Dicionário Etimológico**, 21 de junho de 2018. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/metodo/>> acesso em 21 de junho de 2018.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **OMS**: quase 800 mil pessoas se suicidam por ano. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-quase-800-mil-pessoas-se-suicidam-por-ano>> Acesso em 20 de dezembro de 2018.